

O RETRATO FALADO DE DEUS

O rosto de Deus nas práticas religiosas cristãs no limiar do milênio

Márcio A. Couto
Antonio S. Bogaz*

* Professores do ITESP. Tomaram parte ativa na pesquisa e redação prévia dos textos os seguintes alunos participantes do seminário: Adriano Dotti, Alencar Calefe, Altamir Gabriel J. Silva, Cícero Araújo da Silva, Dacioni Daleffe, Jerônimo Adamo, João Batista da Silva Pereira, José Clementino da Silva, Liomar Contini, Marco Antonio Hernandes de Souza, Rogério Ramos, Sebastião dos Santos Teixeira, Siro Silva Chaves, Wanderlei Calça, Wanderlei Carlos, Wesley Pereira Machado.

Resumo:

O ensaio é o resultado de pesquisa elaborada com a colaboração de um grupo de estudantes. A partir do tema rosto de Deus os aa. buscam realçar os traços de uma fisionomia de Deus primeiramente nas grandes linhas religiosas da humanidade (hinduísmo, budismo, islamismo, espiritismo, grupos afro-ameríncios, etc) e em seguida percorrem a elaboração dos mesmos na literatura bíblica (Pantateuco, profetismo, literatura sapiencial e Novo Testamento). Numa etapa ulterior, seleciona-se uma série de grupos sócio-religiosos (menores de rua, moradores de rua, CEBs, neocatecomunato, renovação carismática, Opus Dei, etc.) e partindo de entrevistas sobre a prática religiosa identifica-se os traços característicos diversos e até contrastantes no que diz respeito à fisionomia de Deus nestes grupos. Apresenta-se ainda algumas conceitos básicos para a compreensão destas características.

Chaves:

Deus: rosto de Deus, Prática religiosa, Pastoral de fronteira, Movimentos Eclesiais, Religiões: rosto de Deus, Bíblia: rosto de Deus,

INTRODUÇÃO: APRESENTANDO A QUESTÃO

Homem e Deus tiveram sempre uma relação de encontro e desencontro, de chegada e de partida. De sedução, conflito e

paixão. Certamente um jogo que parece não ter fim, para o qual a força divina que comanda o mundo não se deixa revelar. Será? Apesar dessa angústia, Deus e homem tiveram sempre uma relação de busca e manifestação de um progressivo e eterno encontro.

Essa pesquisa é um desejo ardente de todo um grupo, que se aventurou na tentativa de descobrir a revelação concreta do rosto de Deus. O rosto de um Deus que todos os homens e mulheres por toda a história buscaram encontrar.

O nosso procedimento consistiu primeiro em rastrear o rosto de Deus em algumas religiões milenares como o hinduísmo, o budismo e o islamismo para em seguida o desvelar também no espiritismo, no afro-ameríndio, no índio, na nova era, e por que não, no ateísmo. Num segundo momento a nossa busca se voltou para a Bíblia, lugar privilegiado da revelação de Deus para nós cristãos. Percorreremos os livros do Antigo e do Novo Testamentos. Finalmente, numa terceira parte analisamos as imagens de Deus nas comunidades que expressam a história do povo como testemunha da experiência do Deus que se revela continuamente mostrando sua face através da cultura e da realidade forjada pelo próprio povo.

1. O ROSTO DE DEUS EM ALGUMAS CONFISSÕES MILENARES

Os povos buscam a divindade e realizam com ela um diálogo de fé e de reconhecimento. Este reconhecimento é existencial e, ao mesmo tempo, misterioso, pois as divindades ve-lam e desvelam seus rostos simultaneamente. Todas as divin-dades manifestam suas tendências e suas vontades, mesmo deixando uma parte de si intocável e escondida nas suas pró-prias definições. Estamos realizando, naturalmente, um discurs-o de fé e neste não podemos reduzir os fenômenos transcen-dentais à pura especulação ou projeção humanas. Deus se comunica com seus fiéis e lhes fala, por meio de sinais, profe-cias, revelações e inspirações. Deus, sempre no âmbito do in-finito, manifesta na linguagem humana da fé seus valores, seus mistérios, suas exigências, suas promessas e seus desígnios, para responder às incessantes buscas de infinito do ser humano.

Refletiremos como algumas confissões milenares esboça-ram o rosto de Deus que se lhes revelou ao longo da sua fecun-da e verdadeira experiência religiosa, para compreendermos qual a imagem de suas divindades e como elas iluminaram seus destinos. São alguns modelos e nos guiam nas vias de nossa pesquisa e reflexão, para elaborarmos o retrato falado de Deus a partir de algumas práticas religiosas.

1 Denominado *Sanātana Dharma*, que quer dizer religião eterna, o hinduísmo, não admite nenhum fundador humano.

1.1. Hinduísmo¹, a divindade espiritualizante

Definido como *sem começo, sem idade*, professa Deus (Brahma), que é pura existência, pura inteligência e pura beatitude. Ele é a causa, a origem e a própria essência do universo, porque sem ele nada existe. Os hinduístas afirmam uma Trindade (Brahma, o criador; Visnu, o conservador; e Siva, o destruidor) e a transmigração da alma (Karma-Samsara). Assim, a doutrina professa que as almas são eternas, num ciclo infinito e conseqüente, dentro das reencarnações.

O rosto de Deus no Hinduísmo manifesta a faceta espiritualista do ser humano. Trata-se de uma divindade universalizante, cujo rosto se revela como unificador de todas as raças e povos, pois buscar seu rosto é realizar uma *procura espiritual de centenas de milhões de pessoas pertencentes a povos e raças diferentes*. A vida no Hinduísmo nos traz a face de um Deus que transcende no meio do povo, pois sem ele nada existe. Esta fé professa que *Deus é pura existência, pura inteligência, ele é tudo*.

No Hinduísmo a divindade de Deus se apresenta como algo sagrado, principalmente entre os animais que são considerados sagrados como é o caso da vaca, pois ela sempre acompanhou os hindus nas suas peregrinações, alimentando-os com seu leite. É também sagrada porque consagrada à deusa do amor e símbolo da maternidade.

Toda crença ou religião hindu mostra ainda a face de um Deus quase idêntico ao Deus de nossos antepassados, pois ao mesmo tempo mostra um Deus criador e simultaneamente destruidor. Essa face de Deus nos mostra um Deus hindu eterno e junto ao povo.

2 Os brâmanes, povo primitivo, alimentam certo pensamento filosófico-religioso, que fundamenta a religião budista. Definem Deus como verdade absoluta. Buda assume esta idéia de Deus, sem negar sua existência. Procura uma resposta satisfatória para a existência da dor, do viver, sofrer, morrer e renascer infinitas vezes. Nascido na Índia, desenvolveu-se em muitos outros países asiáticos.

1.2. Budismo²: rosto de Deus iluminado

As doutrinas budistas ensinam evitar o mal, praticar o bem. Professam a transmigração e iluminação das almas. Anulando os sentidos, pode-se evitar a dor. Em analogia ao ser iluminado, o budismo retrata um rosto metafórico em relação a Deus, com as características de disciplinas a serem alcançadas, que por vezes descamba para um grande conflito entre o desejo e o medo, tornando a pessoa um ser puramente frágil.

O rosto de Deus não tem traços definidos na iconografia budista. Seu rosto tem feições de um ser iluminado. Seu modelo é Buda. O budismo sustenta a teoria das muitas vidas e reconhece a individualidade de um ser que pode ser comparado a uma alma. O rosto de Deus que se manifesta nesta crença é de um Deus incorpóreo, longínquo da realidade e ausente das realidades humanas. Ele não visita a humanidade, mas espera que a humanidade se eleve até seu reino.

Para o Budismo, o conceito de sofrimento advém do corpo e da mente como raiva, ansiedade, desejo sexual excessivo, ódio, ciúmes. A alegria é definida como a suspensão do sofrimento. A raiz de todo sofrimento humano é o apego ao corpo e à mente. Os traços que formam o sagrado no budismo contém características de sonhador com aspectos que envolvem o crescimento, a generosidade, solidariedade. Traços da alma e do corpo com aspectos de dor, desespero, sofrimento, crises. Traços da migração das almas com aspectos de paz de espírito, recompensa adquirida, um caminho a transformar.

1.3. Islamismo³: um rosto com traços andrógenos

Na crença do Islã, pode-se perceber o jeito de ser de Deus através das relações sociais de seus membros. Estas relações estão marcadas pelos dogmas do Alcorão e pela Sharia⁴. A partir de experiência mística, Mohammad obteve a certeza de que havia sido chamado para ser o profeta de Allah, o único Deus. Regressou à Meca e começou a pregar nas esquinas sobre a ressurreição dos mortos e sobre o julgamento de Allah. O dogma básico dessa religião é acreditar num só Deus. Como lemos no Alcorão: *Não existe outro Deus senão Allah. Este é o Deus único, não tem filhos, nem Pai! Deus só! Não engendrou nem foi engendrado. Não tem igual! Allah é o único criador de tudo. Ele é o único, o invencível!* (XII, 17). Desta visão, a mulher sofre marcas indesejáveis. A mulher é a origem do pecado e sua existência é fonte de pecado e crime. Além disso, a mulher não tem capacidade espiritual. *Os homens são os encarregados das mulheres, porque Deus os preferiu a elas e porque as sustentam de seu pecúlio. As boas esposas são obedientes, conservam seu pudor na ausência dos esposos em cumprimento à ordem de Deus...* (IV, 34)⁵.

Outra face dura do Islamismo é o fundamentalismo, que acaba por justificar a violência, o terrorismo e a guerra santa. *É o que diz a surata (33: 25) Deus rechaçou os incrédulos que, apesar de sua fúria, não tiraram vantagem alguma, basta Deus ao crentes, no combate, porque Deus é potente, poderosíssimo. Se os hipócritas e os que abrigam a morbidez em seus corações e os intrigantes em Madina não ficarão nela como teus vizinhos senão por pouco tempo. Serão malditos onde quer que se encontrem, deverão ser aprisionados e cruelmente mortos*⁶.

1.4. Espiritismo⁷: um rosto de Deus em evolução

As origens do Espiritismo estão na experiência de John Fox, pastor protestante, habitante de uma casa tida como mal-as-

3 A origem do Islamismo se dá com Mohammad, nascido em Meca, provavelmente no ano 570 e morto em 632. Foi em cerca de 610 que acabou por acreditar que estava recebendo mensagens de Allah, as quais deveriam ser transmitidas aos seus irmãos árabes. Essas mensagens, ou revelações, foram mais tarde compiladas, vindo a formar o Alcorão.

4 Conclamando os árabes a unirem-se — no sentido religioso e político — em torno do projeto de Allah. Os cinco pilares do Islamismo são a profissão de fé (*Há um só Deus, Allah, e Mohammad é o Profeta de Allah*), a oração (deve ser rezada cinco vezes por dia), o jejum (durante o mês de ramadã, que lembra a lua nova, quando Mohammad recebeu a revelação divina), a esmola (meio básico de purificação) e a peregrinação à Meca (realizado uma vez na vida, como manifestação da universalidade do Islã).

5 Cf. A. MONTANI — G. MANDEL, *Islã, em nome de Alá*, p. 88.

6 Cf. J. ESPOSITO, *Ameaça Islâmica — Mito ou Realidade?* CONCILIUM 253 (1994) 51

7 Para A. Kardec, em *A gênese*, cap. I, sobre o caráter da revelação espírita, sustenta ser o espiritismo a terceira das grandes re-

velações (n. 20). Segundo ele, a primeira, de Moisés, revelou aos homens a existência de um Deus único e os dez mandamentos (n. 21); a segunda, de Cristo, mostrou que Deus não é o Deus terrível, ciumento e vingativo de Moisés; e revelou a imortalidade da alma e a vida futura (n. 22-25). As condições da revelação são quatro: a) O fato da evocação dos espíritos; b) O instrumento da revelação espírita, ou o médium; c) Os próprios espíritos se comunicam; d) A condição das mensagens. Cf. B. KLOPPENBURG, *Espiritismo, Orientação para os católicos*. p. 19.

sombrada. Em 1854, Léon ouviu falar sobre mesas que se levantavam no ar, sobre a corrente magnética das mãos e começou a frequentar as sessões. Assim teve início a prática do espiritismo. Depois que os espíritos lhe comunicaram que ele era uma encarnação de um poeta Celta, chamado A. Kardec, Léon passou a assinar e ser chamado A. Kardec. Consagrou-se à propagação do espiritismo e para tal escreveu vários livros, como: *Livro dos espíritos* em 1857 e depois o *Livro dos médiuns* e *O evangelho segundo o espiritismo*.

A figura divina se revela como soberanamente justa. Nesse sentido os espíritos vão passar pela vida corporal e assim cumprir pela ação material os desígnios que Deus lhes confiou. Como esse Deus é justo, vai agir e distribuir tudo igualmente aos seus filhos. A distribuição seguirá o mesmo ponto de partida, comportará as mesmas aptidões e as mesmas obrigações, na liberdade de proceder.

O bom zelo na tarefa favorecerá os primeiros graus da iniciação e, assim, o espírito gozará dos frutos de seus labores. Nessa ação progressiva, a caridade será um caminho que pode levar à salvação. Cuidar com afeto dos pobres de Deus, é sinal de compromisso com aqueles que estão sendo privados da vida (cfr. Dt 15, 11). É ver no rosto dos sofredores a imagem do Deus que convida à doação, à partilha e todo gesto de caridade. A caridade será o meio pelo qual esse espírito alcança sua magnitude, pois é dentro dessa ação contínua que o bem se fará presente.

Dessa forma Deus possibilita ao espírito incorporado as armas para se manter firme em sua caminhada. A caridade é a forma de purificação e progresso para perfeição, destino final do homem.

8 A pesquisa analisou a presença das crenças oriundas das culturas afro em nosso continente. Citamos, por exemplo, o Candomblé, que tem duas categorias, quer sejam os iniciados (até a feitura de santo) e os titulares. Pela iniciação, o *fiel* pertence ao núcleo da hierarquia candomblé. 9 O fascínio pelas imagens divinas africanas ainda estão presentes, se bem que veladamente, nas práticas religiosas. Com nomes distintos como *xangô* e *candomblé* no Nordeste ou *umbanda* e *macumba* no Centro-sul, revelam uma identidade continental.

1.5. Deus afro-ameríndio⁸: Senhor de todas as raças

O rosto de Deus presente na religiosidade afro-ameríndia revela uma divindade voltada para a sua própria criação. Deus é cioso e amante de sua obra e através dela recebe sua louvação. Todas as coisas criadas são símbolos da criação: a terra, a água, o sol, a floresta, o canto, as cores e a dança. Um Deus colorido, faceiro e barulhento, que gosta do ritmo e da festa. Sua imagem está unida aos símbolos da força vital, de quem os corpos se aproximam com alegria, pois é um Deus muito próximo⁹.

A imagem centraliza-se na figura do *pai e mãe de santo*. Revela-se na oralidade e não na escritura. A imagem de Deus é ritualística e sacrificial, realizada em festas, oferendas, sacrifícios de animais, cerimônia de iniciação e obrigações exequiais. Entre nós, a imagem de Deus revela-se como resistência pe-

rante o massacre da escravidão e repúdio à colonização cultural européia.

Na verdade, no dia a dia das religiões afro-ameríndias surge um novo encontro com Deus: um Deus que se faz negro, com uma grande ternura materna para com seu povo, com o qual ele caminha, dando-lhe força e ânimo na luta. Ele canta e dança, ginga como faz o povo e o estimula na caminhada. A novidade aqui é a descoberta de um Deus com um rosto diferente que gera alegria, a certeza enquanto povo negro e pobre, em saber que Deus toma sua história, ouve seu clamor e vê as suas angústias. Em seu rosto há um sinal de grande esperança.

1.6. Tupã¹⁰: o rosto cósmico de Deus

Dentre as várias nações indígenas e suas diversas divindades, conforme o título que lhe denominou cada nação, optamos pela nação guarani, como expressão mais significativa ou pelo menos mais conhecida da religiosidade indígena brasileira. Os Guaranis formaram uma raça de muitos milhões de almas, distribuídos de maneira mais ou menos densa sobre metade do continente. A raça dos Guaranis é muito distinta e original, pois conserva sua língua, costumes e caráter. O nome guarani significa guerreiro. Toda a tribo era submetida a um cacique, cuja autoridade era quase absoluta, se bem que frágil e a mercê de uma reação coletiva da tribo.

O mito da criação guarani está relacionado a duas crianças gêmeas que são abandonadas na selva porque sua mãe foi assassinada pelas onças. Este mito é comum a todos os guaranis. A sua sobrevivência se deve a seus princípios metafísicos e à organização social, que permaneceram idênticos. O cosmos está habitado por outros seres de caráter divino, espiritual e sobrenatural. O mesmo não insiste demais em um céu e uma terra. O trovão, personificado em Tupã, procede do Ocidente para o Oriente, manifestado no fulgor do relâmpago.

O rosto de Deus do povo indígena, particularmente a nação Guarani¹¹ é aquele que ajuda e que combate, pois o próprio nome Guarani significa *guerreiro*. Tupã é o deus único dos guaranis que é a admiração, a interrogação, vindo do Trovão. O trovão e o relâmpago simbolizam todo furor, todo o estrago e toda a força que o deus Tupã pode ter se não for adorado e cultuado. Isso está muito presente no rosto e no cotidiano do povo guarani: é um povo muito forte, guerreiro, trabalhador e com muito poder de decisão.

A partir de seus mitos, o guarani consegue mostrar que o rosto de seu deus é muito guerreiro, por exemplo: o próprio mito da criação retrata que os gêmeos tiveram que lutar muito

10 Cf. C. LUGON, *A República Comunista cristã dos Guaranis (1610-1768)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

11 *Ibidem*, p. 24-25.

para conseguir sobreviver e continuar a sua organização social; quando a mãe dos gêmeos é assassinada pelas onças, eles vão ser criados como filhotes de onça, mas quando crescem eles descobrem tudo o que aconteceu e lutam contra as onças pelo espaço que eles estão conquistando. Também, essa luta, essa força do povo guarani, está bem presente no mito da terra-sem-males, que não é nada mais, nada menos, do que a busca insaciável da *terra prometida*, terra onde eles poderão plantar e colher os seus próprios frutos, sem interferência de nenhum outro povo. *A terra sem males*. É a busca constante do povo. Alguns conseguem chegar neste mundo. Para outros, é uma promessa para a vida após morte. O rosto de Deus do povo guarani possui fortes características que o torna semelhante ao nosso Deus. Isso podemos constatar a partir do momento em que se traça um paralelo com o êxodo deste povo. Não só. Podemos destacar também o modo de ser e de agir; as doutrinas; a ética; o rito e a crença; e até mesmo a mitologia. Quem vai negar que não há semelhanças entre os mitos cristãos da criação, do dilúvio e até mesmo do fim do mundo, fato esse que foi anunciado por Jesus Cristo? Fazendo-se esse paralelo dá para entender a questão da *Semente do Verbo* que se encontra presente em toda humanidade¹².

12 Cf. M. M. MARZAL, *O Rosto Índio de Deus*. São Paulo, Vozes, 1989. p. 344.

Portanto, o rosto de Deus, do povo guarani, possui fortes características e é um Deus que luta em favor de seu povo.

13 Cf. J. B. LIBANIO, *A nova Era e a proposta cristã*, FAMÍLIA CRISTÃ, 62 (1996), 38-43.

1.7. Nova Era¹³: um Deus apeiron

O rosto de Deus revelado nos movimentos religiosos contemporâneos tem características peculiares. Seus seguidores preferem falar do *divino*, em vez de falar de Deus. Porque sua divindade é sem rosto, de figura difusa, impessoal e indefinida. É uma espécie de ambiente, de atmosfera, de nebulosa. Trata-se de força, de energia, de presença espiritual, que penetra tudo, abrange tudo, envolve tudo. A experiência de Deus é um fluxo, uma totalidade, um caleidoscópio infinito da vida e da morte, a última causa, o fundo das coisas, denominado o *silêncio do qual provém todos os sons*, é a matriz organizadora que não pode ser expressa, mas que se pode conhecer por experiência e que anima toda a matéria.

Deus, ou o *divino*, é, para Nova Era, uma força, uma energia impessoal, que penetra tudo e invade tudo. A Nova Era recorre a imagens clássicas das religiões tradicionais para definir essa energia. É uma espécie de luz que ilumina, e transforma tudo. É um fogo que queima e purifica. É uma presença que enche de gozo e fortaleza, que toca o mais íntimo de todas

os seres, especialmente, o mais fundo da consciência humana. É Amor que tudo compreende e tudo acolhe.

A Nova Era integra em si os movimentos mais recentes da cultura moderna e pós-moderna. Destacam-se entre eles os movimentos ecologista e feminista. Ambos têm uma profunda incidência nas concepções religiosas e espirituais da Nova Era.

A Nova Era propõe uma espécie de androgenismo como abertura em direção a um novo modelo de espiritualidade. Isso suporia que a imagem de Deus não é nem masculina, nem feminina, mas que incluiria harmonicamente os componentes da masculinidade e da feminilidade.

1.8. Ateísmo¹⁴: o rosto negado de Deus

14 Cf. G. SIGMUND, *O ateísmo moderno*, São Paulo, Loyola, 1966., p. 353ss

Refletimos sobre os sistemas de pensamento da filo-teologia que negam a existência ostensiva de uma divindade, relacionada com a história humana. O rosto de Deus no ateísmo é uma pergunta instigante, provocadora de controvérsias e que não oferece grandes possibilidades de resposta.

Será que se poderia afirmar que o ateu vive uma cegueira espiritual, quando se sabe que o dado espiritual é uma característica inerente a todo homem? Acreditamos firmemente que não. O que pode acontecer, é que o indivíduo possua uma *falsa* ou equivocada concepção de Deus, não aquele verdadeiramente revelado na história da humanidade.

Feitas tais considerações preliminares, arriscamos vislumbrar um *rosto de Deus*, talvez, na mais controversa das doutrinas, para alguns filósofos, que é o ateísmo.

A título de informação, cumpre ainda dizer que o ateísmo, emerge na sociedade como forte rechaço à presença do mal no mundo e também contrário à extrema absolutização do bem material. Onde pois encontrar o *Rosto de Deus* nesta denominação?

Encontra-se, pois, no uso da razão humana, superando valores, embaçado pela soberania e autonomia da consciência.

Portanto, esta forma de incredulidade não perde a fé em Deus, antes, repele-a expressamente por consciência do dever e traz no seu bojo, um profundo desejo de liberdade na sua verdadeira amplitude.

A *religião* ou o *movimento espiritual ateu* da época moderna se apresenta como uma: *experiência para reorganizar a vida humana com base na autonomia, excluindo Deus por princípio e valendo-se do poder legislativo da própria razão.*

A religião ateu é o *destronamento de Deus por amor à liberdade humana*. É uma rebeldia; sua vontade de soberania e de

autonomia, são acompanhadas de um protesto carregado de ressentimento e paixão. Volta-se contra o Deus pessoal, como se fosse um tirano e antagonista do homem.

1.9. Concluindo

Deus tem um rosto misterioso. Seu rosto se manifesta nas práticas religiosas de cada uma dessas teologias ou filosofias milenares. A busca de um rosto de Deus, como se quiséssemos esboçar o seu rosto sagrado, revela os princípios fundamentais das práticas culturais, da ética, da ideologia e da visão antropológica de seus fiéis. Através do *retrato falado* destes *senhores de todos os povos*, podemos compreender o significado de sua existência e relacionar suas práticas existenciais (organização societária, relacionamentos pessoais, práticas de virtudes, lutas políticas) com a forma essencial de suas divindades. O rosto de uma divindade é, portanto, refletido no chão da história, como se fosse o traço do destino destas gentes fiéis.

2. O ROSTO DE DEUS NAS SAGRADAS ESCRITURAS

As Sagradas Escrituras nos advertem que Deus é mistério e que nenhum homem pode vê-lo face a face. Ainda assim, nos aventuramos em fazer uma pequena viagem ao encontro do rosto de Deus. Investigaremos as pistas de suas denominações reveladas. Por vezes, Javé, outras vezes Deus Libertador; para alguns o Deus Vivo, para outros o Deus Santo; para outros ainda o Deus Justo, o Deus Verdade, o Deus Amor.

Neste capítulo, nossa tarefa é discernir o rosto de Deus nos sinais do seu povo. Sabemos que traçar esse rosto, requer paciência e consciência dos limites de tais abordagens, pois Deus não se reduz, apenas se deixa revelar.

Para alcançar o objetivo, que é desvelar o rosto de Deus, partimos do Pentateuco e da experiência dos Patriarcas passando pelos livros proféticos, os livros sapienciais, os evangelhos, a visão apocalíptica e as cartas paulinas; são trilhas que nos levaram a marcar essa jornada de encontro.

Deparamo-nos com os textos bíblicos: o ver além dos olhos, o sentir além do coração a presença de um Deus, que por palavras e sinais na vida de muitos homens e mulheres descortina o mais profundo dessas vidas revelando assim a sua face.

2.1. Pentateuco: um Deus na intimidade

Os livros do Pentateuco em sua forma atual apresentam-se como um andaime formado por narrações históricas e leis. Nas

suas relações com o mundo, Javé desvela várias dimensões de seu rosto.

No livro do Gênesis temos a face de um Deus criador; a resposta às interrogações que todo ser faz sobre o mundo e a vida, o sofrimento e a morte.

Encontramos ainda no Pentateuco a face de um Deus libertador: *Nós éramos escravos do Faraó do Egito mas Javé nos tirou do Egito* (Dt 6, 20). Assim, a intenção de Deus foi salvífica na história do povo. Deus cobra do seu povo fidelidade à lei e à aliança feita com Ele, pois Israel deve guardar a Lei não para salvar-se mas porque foi salvo. A obediência aos mandamentos de Deus constitui resposta adequada do homem libertado. Os mandamentos dados por Deus na aliança feita com o povo são sinais e expressões da nova vida. Deus promete o caminho da salvação na vida em aliança.

No Pentateuco há a experiência com Deus que fala, por isso o diálogo entre o *eu* e o *ele*, é sempre mediado pelo *tu*. A revelação verbal enquanto palavra, representa a manifestação de um Deus pessoal e, no seu conteúdo levanta o véu da intimidade com Deus.

2.2. Deus dos Patriarcas: a paternidade divina

O Deus dos Patriarcas é um Deus que faz aliança com seu povo. É um Deus que caminha junto com ele a ponto de Abraão discutir com Deus o destino da perdição. A narrativa da destruição de Sodoma e Gomorra é precedida de um diálogo entre Deus e Abraão (Gn 18,20-19,28) e representa a teodicéia primitiva, que explica tais desastres como consequência da total depravação do povo. O relato do sacrifício de Isaac (Gn 22) demonstra a grande fé de Abraão. Não há dúvidas de que o rosto de Deus que se revelou a Abraão aparece como um Deus familiar (Gn 26,24). Entretanto, trata-se de um Deus que se apresenta só, sem companheiros ou associados; como deus familiar, não se encontra entre os deuses do panteão mesopotâmico.

Contudo, de Abraão a José, os patriarcas revelam o rosto do Deus que se familiarizou nos conceitos de Pai, Providência, Fidelidade, Bênçãos. Sempre sob os aspectos dos rostos patriarcais, esdrúxulo no agir, aparentam contradições e paradoxos. Buscam traçar por meio do exagero a verdade sobre a revelação do rosto de Deus. O Deus dos patriarcas apresenta o rosto de Todo Poderoso, que protege um pequeno grupo que através de promessas procura seguir seus desígnios.

Deus assegura aos patriarcas uma felicidade conforme o seu desenvolvimento; mas sob pena de castigo, exige como retri-

buição certas práticas ou certas abstenções em obediência à sua palavra. O rosto do Deus de Israel, traçado pelos patriarcas, advém a Abraão como o Deus dos pais, Deus providência, Deus fidelidade e Deus aliança.

2.3. O profetismo: rosto misericordioso e justiceiro

O rosto de Deus elaborado e mostrado pelos profetas surge a partir das experiências feitas e das relações de promessas e exigências do próprio Deus, expressando o que Ele quer, faz e fará.

Cada profeta apresenta determinado aspecto do rosto de Deus, não existindo uma descrição compreensiva e universal.

Algumas imagens são mais comuns e significativas como:

- a. **Deus único:** Deus mesmo afirma e insiste na sua unicidade (cfr. Is 44, 8; 45, 22). Ele diz: *Antes de mim não foi formado nenhum deus e depois de mim não existirá nenhum. Sou Eu, sou Eu que Sou o Senhor* (Is 43,10). O Deus dos profetas é o Deus dos deuses; os deuses pagãos não são deus (Jr 2,10).
- b. **Deus eterno:** O Deus dos profetas se revela como verdadeiro e transcendente (Is 9,6), que vive para além da história, como seu alfa e ômega. Sendo assim um Senhor Universal (cfr. Dn 6, 27). A eternidade é um atributo peculiar de Deus.
- c. **Deus vivo e justo:** O rosto de Deus no profetismo revela sua faceta encarnada e real, que vive como ser humano que vê (Ez 8,12;9,9); ouve (Is 40,1s); que fala, se comunica e obriga os profetas a falarem (Ez 3,16; Jr 1,4s). Seu agir é imediato e atuante na história, capaz de atacar os inimigos, os poderosos e os opressores (Am 12,5), mas também é amoroso (Jr 20,7).
- d. **Deus misericordioso:** O amor é o aspecto do rosto de Deus por excelência. São os profetas os únicos que falam do amor para com Israel (Os 3,1; 11,1; Jr 2,2); este amor se dá no matrimônio que Deus faz com seu povo (Os 1-3; Jr 3; Ez 16,23; Is 50,1).

Reflete-se ainda o rosto de Deus como Pai onde Israel é o filho (Os 11,1; Jr 31,20) e Deus é o Pai (Jr 31,9); como Divino (Os 11,9), Rei e Soberano (Is 52,7) e sobretudo destruidor do mal e das injustiças (Am 8,4s).

A literatura profética resgata a efraimita (dar sentido aos valores da terra) e davídica (Davi é o único Rei que governou Judá de forma nobre e com sabedoria). Assim, eles denunciavam e anunciavam Javé como aquele que destrói o mal e toda injustiça, transformando-se num Deus bom e justiceiro, estando sempre ao lado dos simples e humildes.

2.4. Literatura Sapiencial¹⁵: um Deus genial

A imagem revelada nesta literatura mostra um Deus que ensina a agir com prudência e profundidade nas várias áreas da atividade humana. Outro sentido, pode ser de conhecimento, sabedoria em resolver os problemas da vida em que o Homem e Deus se vêem colocados. A Sabedoria é um modo de proceder, de agir com prudência e reflexão e com conhecimento de causa.

Deus dá ao ser humano um coração cheio de prudência para discernir entre o bem e o mal e Deus pode comunicar e comunica a sabedoria a quem bem lhe apraz.

O rosto de Deus se manifesta no seu sopro, seu espírito, sua palavra, sua mão e seu braço. Ele é criador, onipotente, soberano e Senhor dos destinos do universo.

Deus é infinitamente sábio, ordena todas as coisas com justiça e sempre aplica o castigo de modo proporcional. Deus se manifesta bom e amigo dos seres humanos e deseja a prosperidade de suas criaturas. Não mede esforços para conquistar e cativar os seus filhos e filhas.

2.5. Os Evangelhos: Deus entre nós

O rosto de Deus nos evangelhos, apesar das distinções, revela algumas características comuns e peculiares. Deus é antes de tudo o Emanuel, que se faz presente em Jesus de Nazaré (Mt 1, 23), com grande expressão humanizante, que sofre, sorri, luta e participa da história humana (Mt 4, 2). Também se revela como Pai (Mt 11, 25; Mc 1, 11) e Criador de todos os dons (Mt 19, 4).

Particularmente em Marcos, Deus é batalhador na história, com vistas à instauração do Reino de paz e justiça e em Lucas manifesta um rosto de extrema misericórdia (Lc 15 e outras parábolas), anunciador de novos valores para transformação do coração humano. A face misericordiosa de Deus, se mostra ainda quando Maria tendo sido avisada da gravidez de Isabel (em idade avançada), parte ao encontro desta mulher e com ela permanece cerca de três meses. Também a Simeão foi revelado o rosto bondoso do Cristo de Deus (Lc. 2,26-32). Temos ainda um Deus poderoso e prodigioso (Vitória sobre a tentação no deserto (Lc. 4, 1-13) e pesca milagrosa (Lc 5, 1-6).

Em João revela-se o rosto de Deus amor, em serviço e dedicação à humanidade (última refeição e lava-pés, Jo 13) e como *luz do mundo* (Jo. 8,12).

Por fim, Deus revela-se como caminho, verdade e vida.

15 O termo sapiencial significa a habilidade de governar, arte de magia e de adivinhação. A Sabedoria de Israel foi atribuída a Salomão como dádiva de Deus em resposta a sua oração (1Rs 3, 6-14). Os livros sapienciais são: Provérbios (o mundo é dividido entre sábios e insensatos. E a preocupação é procurar viver a conduta correta, exigindo autodisciplina.); Coélet (a dialética da vida e da morte, felicidade e desgraça, revelados na fé a um Deus justo); Siracide (ensinamento da piedade e da moralidade do judaísmo); Sabedoria (demonstração da importância única no destino do ser humano). Cf. W. J. HARRINGTON, *Chave para a Bíblia*. São Paulo, Paulinas, 1985. p. 317.

2.6. Apocalipse: Deus vitorioso

O rosto de Deus revela-se como denúncia e resistência profética. Deus promove uma resistência espiritual para enfrentar o martírio. Deus é corajoso e resistente, mas é um Deus vencedor e glorioso. A iluminação divina visa denunciar, resistir e celebrar. Um Deus encarnado na história, com dimensões, porém, ultra-temporais.

Deus é revelado como uma presença dinâmica de Jesus na história da igreja e do mundo. Graças à sua vitória, a Igreja não precisa temer a luta contra as forças anti-divinas presentes e simbolizadas no absolutismo estatal romano.

Deus tem um rosto de felicidade mediante a resistência, a denúncia, a celebração e o martírio. Para além disso, é um Deus de esperança. A esperança reforça e reanima o ânimo da comunidade diante da opressão.

2.7. As Cartas Paulinas: Deus da vida

Além das imagens comuns de Deus como Senhor (Heb 1, 1-2) e *Kyrios* (2Cor 1,2-3; 1Cor 8,4-6), apresenta-se também como Pai (Ef 6,23; Fl 2,11; Col 3,17).

Apresentam, estas cartas, o rosto de Deus como amor, que realiza a redenção humana (Rm 5,8; 8,32). Um Deus em relação íntima com os seus fiéis (Rom 5,5) e quer permanecer em nós (1Jo 3,17). Deus nos faz participar de si próprio na comunidade de amor com Ele e com os irmãos (1Jo 1,7; 4,7-16).

Temos ainda a imagem de Deus como Pai de Perdão, que participa da realidade pessoal dos seres humanos e nos faz seus filhos (Rm 8,15; 1Jo 3,1).

A imagem de Deus como Trindade manifesta a plenitude da ação divina de criar, de redimir e de iluminar a história humana. (Rm 8,3.32; 1Jo 4,9.14). Esta ação salvífica do Pai e do Filho, contudo, não visa apenas a nossa reconciliação com Deus (2Cor 5,18-20), mas nossa admissão na comunidade de vida com Deus trino.

Deus vem resgatar a história humana por meio de Cristo (Tm 3,5s) e nos testemunha que também somos filhos de Deus em Cristo de modo que somos assegurados do sentido pleno de nosso Pai (Rm 8,15-16).

A unicidade de Deus manifesta-se como unidade de natureza das três pessoas e a plenitude de vida de Deus como comunidade de vida do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

2.8. Concluindo

Dentro de todo contexto bíblico, podemos perceber a importância da história de povos e de suas experiências frente à busca e à descoberta do rosto de Deus e do próprio Ser Divino.

Nos textos analisados, fica evidente a diversidade na revelação do Divino, que se apresenta em múltiplas facetas, das quais podemos ressaltar algumas delas, ou seja, rosto materno, paterno, amoroso, misericordioso...

Deus pode-se mostrar como ídolo da morte, dependendo da leitura feita pelo indivíduo, ou grupo, que projeta em Deus uma ideologia para se manter no poder, por exemplo. Por entre as páginas bíblicas há uma grande luta do Deus da Vida contra os ídolos da Morte.

3. O ROSTO DE DEUS NO LIMIAR DO MILÊNIO: ANÁLISE DA PRÁTICA RELIGIOSA EM ALGUNS MOVIMENTOS ECLESIAIS E PASTORAIS DE FRONTEIRA

3.1. Introdução

Foram pesquisados, através de questionários, os seguintes grupos sócio-religiosos: *Menores de Rua, Moradores de Rua, Comunidades Eclesiais de Base, Neocatecumenato, Renovação Carismática Católica, Opus Dei, Focolares e Católicas pelo direito de decidir.*

No trabalho de pesquisa separadamos as lideranças e os seguidores (fiéis). Dos líderes interessava saber como chegaram à liderança, qual a estrutura do movimento, assim como o discurso de envolvimento por eles utilizado. Vimos também, a partir dos líderes, como se dão as condições para o ingresso dos fiéis, quais os tipos de rituais praticados, que tipo de respostas os fiéis recebem para seus problemas existenciais e humanos, qual a orientação para as questões sociais e qual o relacionamento do grupo com os demais movimentos eclesiais.

Em relação aos fiéis, perguntamos sobre a importância da religião, das práticas, motivações e experiências religiosas, sua relação com as lideranças, o envolvimento com as mudanças sociais, a relação com a divindade e suas concepções escatológicas.

Interessou-nos também a natureza do culto e a estrutura ritual. Quanto ao discurso, procuramos identificar sua forma e a ética subjacente ao tipo de relação existente entre Deus e o povo, a receptividade do discurso, por parte das pessoas, bem como os critérios lingüísticos no apresentar Deus ao povo. E

sobretudo identificar, velado nas respostas humanas, o indizível rosto de Deus.

3.2. Síntese das pesquisas realizadas

16 A pesquisa foi realizada na Casa de Passagem de Menores D. Bosco (Av. do Estado, 1375 — São Paulo).

3.2.1. — *Menor de Rua*¹⁶

O modelo de atendimento se baseia na espiritualidade Salesiana. O grupo inclui meninos e meninas de 14 a 20 anos, tendo a maioria experiência de dependência química. Os jovens dão importância à religião, que lhes traz alívio, segurança e alegria. Manifestam preocupação com o desemprego, falta de habitação e a criminalidade existente ao seu redor. Deus está presente no cotidiano, mas embora seja tido como acolhedor, amoroso e misericordioso, castiga como forma de ensinar. Em virtude de um discurso emocional, a imagem de Deus fica um tanto confusa e fragmentada. Já para as lideranças, o abandono, o sofrimento e a dor são frutos do egoísmo humano e não algo determinado por Deus.

17 O trabalho foi elaborado junto à paróquia São Benedito das Vitórias (Praça Nossa Senhora das Vitórias, Vila Formosa, São Paulo).

3.2.2. — *Moradores de Rua*¹⁷

A comunidade atende aos moradores de rua dando assistência básica: alimentação, roupas, assistência médica etc. O local comporta 500 pessoas sentadas. Os freqüentadores vêm de situação muito miserável, sem teto, sem trabalho, sem roupa, sem comida, sem nada. A maioria é migrante e analfabeta. O grupo pesquisado não apresenta nenhuma prática religiosa habitual; pois, mais importante que a religião é o alimento que se recebe diariamente. Tem idéia vaga de um Deus protetor, companheiro de caminhada, misericordioso, terno e provedor de necessidades. Para a liderança o que a motiva no trabalho é a compaixão e solidariedade para com o sofrimento do próximo.

18 A enquete foi feita na comunidade Senhor Santo Cristo, no bairro Cidade Tiradentes — Zona Leste da cidade de São Paulo.

3.2.3. — *Comunidades Eclesiais de Base*¹⁸

O grupo está constituído, em sua maioria, de católicos, embora alguns freqüentem a umbanda e o cardecismo. O discurso se baseia na ética da libertação, voltado para a realidade da comunidade. A religião é importante pois aproxima as pessoas e traz esperança. O sofrimento resulta da desmedida ambição humana. Valorizam a Igreja como comunidade e possibilidade de encontro. Para a liderança é importante não só a conscientização religiosa, mas também a política. O Deus da Bíblia é sinônimo de *esperança e libertação*.

3.2.4. — *Neocatecumenato*¹⁹

As comunidades neocatecumenais estão constituídas principalmente por pessoas de classe média e média baixa. O discurso se caracteriza por ser espontâneo, emotivo e conservador. Não se enfatiza a problemática social. O movimento se estrutura no tripé: Palavra, Liturgia e Comunidade. Enfatiza-se a necessidade de uma catequese pós-batismal, numa espécie de caminho inverso das primitivas comunidades catecumenais. O líder religioso, geralmente presbítero, sinaliza, na comunidade de Jesus Cristo, cabeça da Igreja. Deus é o pai tradicional, hierárquico, exigente, acolhedor, provedor de necessidades, compensador de experiências dolorosas e intimista. Enfatiza-se a crença na Ressurreição e na Vida Eterna.

19 A pesquisa foi realizada nas paróquias Santa Bernardete, na região Belém — Zona Leste da Capital e Santa Terezinha em São Bernardo do Campo.

3.2.5. — *Renovação Carismática Católica*²⁰

O grupo se diz seguidor da doutrina católica Romana, com discurso emocional que procura resgatar devoções, símbolos sagrados e obediência estrita à hierarquia. Prevalece a ética moral e salvífica. Valoriza-se o sacramento eucarístico e a ação do Espírito Santo. O compromisso social baseia-se nas obras de caridade. Para a liderança é importante promover o retorno ao rebanho católico, dos que dele se afastaram. Deus é o provedor do povo. Premia e castiga. É moralista, fonte de vida, patriarcal, justo e fiel, milagreiro.

20 As observações foram feitas na paróquia Santa Rita de Cássia, Pinheirinho, Santo André.

3.2.6. — *Opus Dei*²¹

Os membros seguem a doutrina Católica Apostólica Romana e se constituem numa prelazia pessoal do papa. O discurso é conservador e fechado. Enfatiza a vocação cristã na evangelização em todos os ambientes da sociedade. Busca-se a santificação pessoal no mundo e no trabalho. O catecismo católico da Igreja é regra de vida sob o comando absoluto do papa. Deus apresenta-se com face de justo, compensador, patriarcal e onipresente.

21 A entrevista aconteceu na Hotelaria da *Opus Dei*, rodovia Raposo Tavares, em Cotia.

3.2.7. — *Focolares*²²

O movimento se preocupa em promover a unidade entre os fiéis da Igreja Católica, bem como, conseguir através do diálogo com outras religiões a almejada fraternidade universal. Enfatiza-se a espiritualidade da unidade através do amor a Jesus eucarístico e da devoção mariana. O rosto de Deus confunde-se com o de Jesus, que é símbolo de perfeição, amor como ato de relacionamento, de diálogo e unidade.

22 A enquête foi realizada no Centro de Espiritualidade Mariápolis Araceli, Vargem Grande Paulista.

23 O grupo não tem lugar específico para o culto, pois se distribui nas diferentes paróquias.

3.2.8. — *Católicas pelo direito de decidir*²³

O discurso é progressista e está em sintonia com a realidade humana. Apresenta discordância com determinadas diretrizes éticas do magistério oficial da Igreja. A tônica característica é de libertação através de um Deus misericordioso e compreensivo em relação à condição humana. As lideranças se preocupam com a conscientização e com os direitos das mulheres. Deus é acima de tudo amor, alegria de viver, liberdade e acolhimento.

3.3. Análise de conjunto

A experiência de Deus não é uma experiência científica, mas uma experiência de fé e confiança que se vai adquirindo ao longo da vida. Conhecemos a Deus na medida em que continuamos a buscá-lo, ou na medida em que nos deixamos encontrar por ele. Conhecemos a Deus se aceitamos que nos seja revelado. Se na experiência pessoal já é difícil identificar o rosto de Deus mais ainda na experiência de tantos grupos possuidores de realidades e vivências próprias.

Constatamos que as diferentes concepções de Deus, nos diferentes grupos pesquisados ainda se encontram em construção a partir da mística da realidade. A realidade a que nos referimos é a realidade vivenciada com maior ou menor conscientização que determina e projeta, através de interesses e utopias, as diferentes imagens de Deus. Realidades diferentes provocam místicas diferentes, que por sua vez geram diferentes rostos de Deus. Muitas vezes o rosto de Deus acaba legitimando ideologias.

A partir das realidades dos grupos e movimentos pesquisados, podemos identificar duas concepções principais de Deus.

3.3.1. — *A imagem encontrada nas Pastorais de Fronteira*

Consideramos como Pastoral de Fronteira: Menor de Rua, Moradores de Rua, Comunidade Eclesial de Base e Católicas pelo direito de decidir. Nesses grupos o discurso religioso se apresenta com matrizes mistas de emoção e raciocínio, predominando tinturas progressistas. Os compromissos da religião são com o indivíduo e a sociedade. Há uma expressiva preocupação com a formação do Reino de Deus no hoje da existência. Enfatiza-se a dignidade humana através da defesa dos direitos básicos da cidadania.

Mediante essa concepção religiosa, conseguimos captar um rosto de Deus pai e mãe, criador, provedor de necessidades,

protetor, misericordioso, terno, companheiro de caminhada, justo, libertador, universalista.

3.3.2. — *Imagens encontradas nos Movimentos Eclesiais*

Nos movimentos eclesiais — Renovação Carismática Católica, Focolares, Opus Dei e Neocatecumenato — o discurso religioso é emocional e espiritualista. A instituição baliza as concepções de Deus. Nota-se preocupação com a tradição eclesial, com o magistério hierárquico, com a Sagrada Escritura. Há intimismo e pouca preocupação com as transformações sociais. Enfatiza-se a cristandade e a união em torno da hierarquia. O movimento missionário expansionista tem o objetivo de trazer de volta os indiferentes e aqueles que se afastaram da Igreja Católica Apostólica Roma.

Percebemos que através das pesquisas realizadas nesses movimentos eclesiais, o rosto de Deus apresenta-se como criador, patriarcal, onipresente, hierárquico, justo, acolhedor, fiel, exigente, castigador — moralista, intimista, amante da perfeição.

Portanto, numa sociedade globalizante em fim de século, na qual a vida vem sendo cada vez mais banalizada, delimitar, identificar um rosto de Deus torna-se uma pretensão de nossa parte, razão pela qual gostaríamos que o presente trabalho fosse uma indicativa, uma possibilidade de pesquisas posteriores, que possa encontrar uma resposta que vá além daquelas aqui apontadas, proporcionando assim uma aproximação maior entre o divino e o humano, resgatando o valor da vida em contrapartida aos sinais de morte existentes em nossa sociedade. Eis aí a nossa missão.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir busquemos uma luz teológica sobre a pesquisa realizada. Vamos proceder em quatro momentos.

Henri Bergson caracterizou dois tipos fundamentais de religião: a religião aberta e a religião fechada. A primeira consistiria num conjunto de convicções aceitas pelo grupo possibilitando aos seus membros um crescimento contínuo na medida em que o grupo permaneça aberto às novas experiências e realidades. A religião aberta é capaz, pois, de absorver o diferente e integrá-lo em seu sistema. A religião fechada consistiria também num conjunto de convicções que solidifica o grupo. Mas a diferença fundamental com relação à religião aberta estaria no modo como percebe o diferente. O grupo de uma religião fechada é imune ao que lhe é diferente chegando mes-

mo à hostilidade quando se sente ameaçado pelos que estão fora.

A caracterização de Bergson é importante de ser recordada para servir de parâmetro às experiências dos grupos religiosos relatados na pesquisa. Uma religião aberta é o que propôs o Concílio Vaticano II, subjacente em alguns documentos como a *Gaudium et Spes*, e bastante explicitamente no documento sobre a *Liberdade Religiosa*. Este tipo de religião não necessita afirmar-se pela negação da experiência dos outros. Possui suficientes elementos positivos para congregar seus membros sem precisar fetichizar os outros. Traços de uma religião aberta se podem ser observados claramente nas CEBs enquanto apresentam um Deus encarnado, companheiro, histórico, pai e mãe. Pode-se nesse caso experimentar no grupo a abertura enquanto participação mediante a igualdade dos membros. Em grau menor a religião aberta também está presente na experiência dos Menores e dos Moradores de Rua, e em certo sentido ainda nas Católicas, na medida em que buscam situar o conflito entre o Deus bom e misericordioso que os acolhe e a sociedade estruturada para explorá-los. A abertura, neste caso, consistiria mais no projeto de uma nova sociedade com lugar para todos serem felizes. O grau menor de abertura é consequência da própria natureza marginalizada desses grupos. Nos outros grupos (Focolares, Neocatecumenais, Opus Dei e Renovação Carismática) predomina a imagem de uma religião mais fechada na medida em que os grupos insistem na afirmação daquilo que os faz diferente dos outros. Também neste caso podemos dizer que há graus no fechamento religioso desses grupos. Na Renovação Carismática o grau de fechamento é bem menor do que na Opus Dei. No primeiro grupo existe boa possibilidade de integração de elementos díspares enquanto que no segundo (Opus Dei) o religioso é bastante definido e inflexível.

Um segundo enfoque a ser percebido é de natureza antropológica. Que visão de ser humano se pode perceber nas experiências relatadas: positivo ou negativo, maior ou menor humanidade, fixidez ou mobilidade? Sempre no rastro do concílio Vaticano II, a *Gaudium et Spes*, logo no capítulo I, pergunta: quem é o homem? A Igreja oferece uma resposta baseada na revelação, presente nas Escrituras, que ensinam que o homem foi criado à imagem de Deus e, portanto, capaz de conhecer seu Criador e de amá-lo. Essa capacidade de discernimento e de amor, apesar de se encontrar em situação de extrema marginalização, pôde-se perceber no testemunho dos grupos de Menores, Moradores de Rua, CEBs e Católicas e, em certo sentido, na Renovação Carismática. Nos outros grupos (Opus Dei, Neocatecumenal e Focolares) percebe-se mais o dado objetivo da criação e o ser humano inserido nela cabendo a ele

a obediência e o sujeitar-se à realidade que lhe é imposta pelo Criador. No primeiro grupo valoriza-se mais a ação humana encarnada e movida pelo Espírito enquanto que no segundo predomina um certo determinismo da ação de Deus restando ao ser humano a resignação de se ajustar ao plano divino.

Uma terceira perspectiva é de natureza ética. Que consequências trazem para a ação as diversas imagens de Deus presentes nos grupos estudados? Nos grupos caracterizados mais pelo engajamento social (Menores, Moradores de Rua, Católicas e CEBs) é claro que existe possibilidade de uma mudança social porque a imagem de Deus o exige. A ação que se espera desses grupos é de atuarem na história, transformando-a. Por isso, a situação de marginalidade e opressão em que vivem tem, sim, uma saída. Ao contrário, a atitude ética predominante nos outros grupos (Opus Dei, Focolares, Neocatecumenais e Carismáticos) é mais no sentido intimista de uma conversão pessoal do que de uma transformação social. Esta última não aparece como primeira razão da ação. Cabe aos membros desses grupos realizarem uma ação interior de mudança de vida no sentido de adquirirem uma maior pureza de coração para melhor se adaptarem às exigências do Espírito.

Finalmente podemos perceber claramente nos grupos analisados dois tipos básicos de ideologia. A ideologia é o suporte básico de qualquer sociedade. Penetra na mente das pessoas e justifica as ações quer pessoais quer sociais. Por isso é importante fazer a crítica das ideologias para perceber o que realmente uma ideologia encobre e o que realmente ela propugna. No caso dos grupos analisados a ideologia dos Menores, Moradores de Rua, CEBs e Católicas tem como ponto de partida suas realidades particulares de marginalizados como resultante de uma divisão de classes baseada em interesses econômicos, políticos e sociais. Daí a postura desses grupos no sentido de denunciarem a sociedade como um todo e a proposta de construir uma sociedade em que haveria lugar para todos. Mas isso só poderia ocorrer mediante mudanças radicais na produção e distribuição dos bens da sociedade. Nos grupos Neocatecumenais, Focolares, Opus Dei e Renovação Carismática a questão da ideologia se coloca diferentemente. Em princípio não existe qualquer questionamento com relação às idéias vigentes na sociedade. Percebe-se um certo acomodamento ideológico destes grupos com a situação presente. Se há mudanças a serem feitas estas deverão ser realizadas dentro dos parâmetros da sociedade atual. Não caberia à religião fazer críticas ao modo como a sociedade se organiza.

Estas quatro dimensões emergem de uma criteriologia em busca da compreensão dos grupos analisados. Esperamos que ajudem a identificar os grupos e perceber em que direção atuam.

BIBLIOGRAFIA

- AQUINO, R. *et al.*, *História das Sociedades, das Comunidades Primitivas às Sociedades Medievais*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1980.
- BARBOSA, E., *A encruzilhada das Civilizações — Católicos, Ortodoxos e Muçulmanos no Velho Mundo*. São Paulo, Moderna, 1997.
- BARBOSA, M.A., *A Igreja, Religiões e Seitas no Brasil*. Brasília, Pelicano, 1996.
- CAVALLARI, M. M., *Islamismo apavora o mundo ocidental*. Em FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo (31.07.1994), cad. 3, p. 3.
- DEISSLER, A., *O Anúncio do Antigo Testamento*. São Paulo, Paulinas, 1984.
- DIEZ, F. M., *A Nova Era e a Fé Cristã*. São Paulo, Paulus, 1997.
- ESPOSITO, J., *Ameaça Islâmica — Mito ou Realidade?*. Em CONCILIUM, 253 (1994) 49-59.
- GOZZI, H. P., *Como lidar com as seitas*. São Paulo, Paulinas, 1989.
- HADDAD, J. A., *O que é Islamismo*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- HARRINGTON, W.J., *Chave para a Bíblia*. São Paulo, Paulinas, 1985.
- KARDEC, A., *O evangelho segundo o espiritismo*. Rio de Janeiro, FEB, 1944.
- KARDEC, A., *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro, FEB, 1944.
- KLOPPENBURG, B., *Espiritismo: Orientação para os católicos*. São Paulo, Loyola, 1986.
- LAPOUGE, G., *Divisões enfraquecem onda fundamentalista*. Em O ESTADO DE SÃO PAULO, São Paulo (05.03.1995), p. A4.
- LIBANIO, J. B., *A nova Era e a proposta cristã*, FAMÍLIA CRISTÃ, 62 (1996), 38-43.
- LOPES, G.F., *O pentateuco*. São Paulo, Paulinas, 1998.
- LUGON, C., *A república comunista cristã dos guaranis (1610-1768)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- MACKENZIE, J. L., *Dicionário Bíblico*. São Paulo, Paulus, 1984.
- MARZAL, M. M., *O Rosto Índio de Deus*. São Paulo, Vozes, 1989.
- MONTANI, A.-G. MANDEL, *Islã, em nome de Alá*. São Paulo, Mundo e Missão, 1997.
- PEDRO, A. — F. CÁCERES, *História Geral*. São Paulo, Moderna, 1976.
- REHBIN, F., *Candomblé e Salvação*. São Paulo, Loyola, 1985.
- SAMUEL, A., *As religiões hoje*. São Paulo, Paulus, 1997.
- SIGMUND, G., *O ateísmo moderno*, São Paulo, Loyola, 1966.